

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **RUÍNAS E POVOADOS ANTIGOS NA SERRA DA CABREIRA.**

TEIXEIRA, Carlos

Ano: 1947 | Número: 57

---

### **Como citar este documento:**

TEIXEIRA, Carlos, Ruínas e povoados antigos na Serra da Cabreira. *Revista de Guimarães*, 57 (1-2) Jan.-Jun. 1947, p. 52-54.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Ruínas de povoados antigos na Serra da Cabreira

---

E' voz corrente entre os povos das vizinhanças da Serra da Cabreira que existiram outrora, em diferentes pontos da montanha, povoações de relativa importância e renome, às quais andam ligadas diversas lendas.

Uma dessas «vilas» teve assento, segundo a crença popular, no sítio da *Arandosa*, a meio caminho entre Vilar Chão e Zebral, sendo particularmente celebrada pela fama de originalíssimo magistrado — o Juiz de Arandosa.

Entre Agra e Salto é referida também a existência das ruínas de antiga aldeia — *a aldeia de S. Bento* —, vendo-se ainda entre os montes de pedras, afirmam alguns, a pia da água benta da igreja paroquial... O último habitante, conta-se nas povoações vizinhas, foi uma mulher, a quem os moradores de Agra levavam de comer, deixando-lhe os alimentos em certo ponto da serra, onde ela os vinha procurar depois. Um dia, porém, foram encontrá-la morta no local em questão que, por isso, é chamado ainda hoje o *Terreiro da Mulher Morta*.

Outro destes povoados, de situação incerta, anda referido sob o pomposo nome de *Covequil* (1).

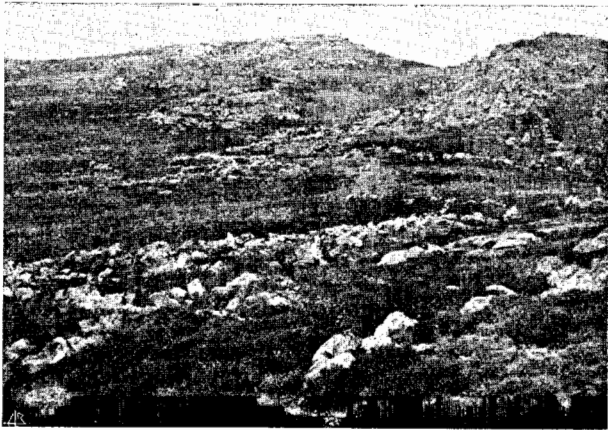
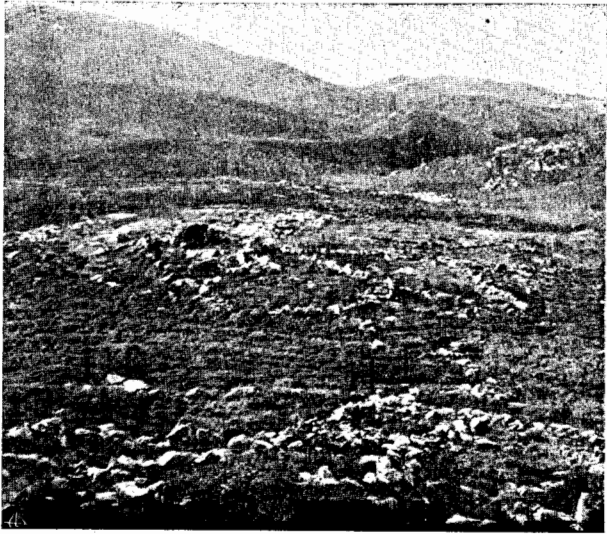
\*

Como vulgarmente acontece, a lenda tem o seu fundamento real. De facto, em diferentes pontos da serra encontram-se ruínas que lembram restos de casas e arruamentos.

---

(1) Cf. P.<sup>e</sup> Alves Vieira — *Vieira do Minho, noticia histórica e descritiva*, Braga, 1925, pág. 45.

**Est. I**



Dois aspectos das ruínas da «aldeia de São Bento».

## Est. II

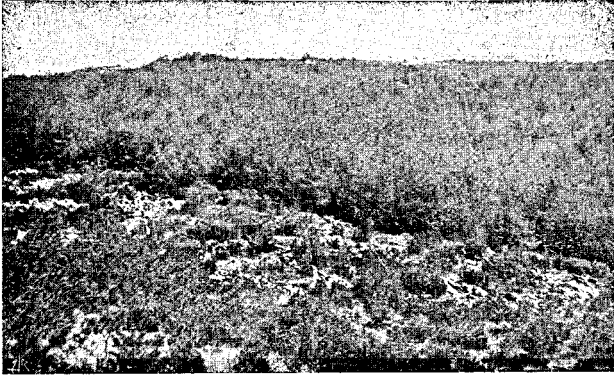


Outro aspecto da «aldeia de São Bento»



Pormenor das ruínas da «aldeia de São Bento»

Um destes amontoados ruiniformes — o de Arandosa — está assente na plataforma sobranceira ao vale



*Fig. 1* — Ruínas de Arandosa

de Turio, na base da encosta que conduz ao Talefe, junto do cruzamento das estradas de Vilar Chão, Cantelães e Serradela e do viveiro florestal.

As ruínas ocupam extensão relativamente grande. Observam-se <sup>(1)</sup> alicerces de casas rectangulares, feitas de granito, contíguas, formando alinhamentos (Fig. 1 e 2).

Escavações sumárias realizadas no local não revelaram qualquer resto arqueológico importante capaz de servir para marcar a cronologia das ruínas.



*Fig. 2* — Parede de casa. Arandosa

(1) Estas ruínas estão actualmente escondidas no meio de densa floresta de pinheiros, sendo quase impossível observá-las.

Desviado alguns quilómetros deste ponto, a pequena distância, à esquerda, do caminho que de Agra se dirige a Salto (e mais ou menos a meia distância entre as duas povoações) encontra-se novo campo de ruínas, as da citada «aldeia de S. Bento», talvez mais extensas que as de Arandosa (Est. I e II).

As construções são idênticas; o dispositivo abrange área relativamente grande.

Observa-se terceiro grupo de ruínas um pouco adiante da capela do Senhor dos Aflitos, no caminho de Salto para Cabeceiras de Basto. As características são as mesmas das anteriores.

Não é improvável que, na área da serra, se encontrem outros amontoados do mesmo tipo.

\*

Sobre a classificação e a atribuição das ruínas descritas quase nada se pode dizer de positivo.

A presente nota tem, apenas, por fim chamar para elas a atenção dos estudiosos.

E' de notar a situação destes «povoados» em chãs ou encostas pouco íngremes, nunca em colinas ou elevações.

As que observei ficam a altitudes semelhantes, na ampla plataforma que antecede os maiores relevos da serra, e longe de povoações modernas.

A' primeira vista as ruínas observadas podem representar vestígios de acampamentos, e logo surge a hipótese de serem romanas.

E' fora de dúvida que a região teve durante a ocupação romana importância evidente.

A via de Braga a Chaves cortava o flanco norte da Cabreira, a menos de meia dúzia de quilómetros de Arandosa, pois passava por Salamonde e Ruivães.

Não quero deixar de pôr a hipótese de se tratar de restos de construções mais modernas. Mas de que data e a que propósito foram edificadas? Não sei responder e a prudência aconselha a não avançar muito neste campo puramente conjectural.